

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOSIAS BARBOSA

O servidor Josias Barbosa ingressou na Esav em 1927 como prático rural. Posteriormente, atuou como auxiliar agropecuário e trabalhou por 33 anos no Departamento de Agronomia.

Ficha técnica:

Data da entrevista: 31/09/1985.

Duração: 17 minutos e 41 segundos.

Local: Residência do entrevistado.

Entrevistadora: Lujan Chagas.

Profissão do entrevistado: Servidor.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

Diálogo:

Lujan: Como é que foi?

Josias: Você não tem nada da Escola?

Lujan: Eu tenho algumas fotografias.

Josias: Você não tem aquele caderno de quando começou, quando criou a Escola?

Lujan: Não, isso eu não tenho, não. Eu queria ouvir o que o senhor sabe.

Josias: Ouvir?

Lujan: É, o que o senhor sabe. Quando foi que o senhor começou a trabalhar aqui?

Não identificada: Chega mais pra cá, senhor, pra ela gravar!

Josias: Foi em 1927. Eu vim de Coimbra. A Escola foi inaugurada em 1926 e eu vim em 1927. E trabalhei até 1960, quando eu aposentei. Agora, o sistema, quando eu comecei aqui, eu trabalhei como diarista. Trabalhei 17 anos como diarista. Depois de 17 anos, passei a mensalista. Fui substituto de diversos encarregados no Departamento de Agronomia. Eu vim para aqui, trabalhador mesmo, comum da roça. E meu primeiro encarregado foi José Medeiros. O segundo foi Otávio Gonçalves. O terceiro foi José Coelho da Silva. O quarto, Jarbas Martins. O quinto foi Horta Pinto, Horta Pinto, Geraldo Cunha, José Tomás Teixeira. Aí, em 1942, eles transferiram o Salame¹, que é o José Tomaz Teixeira, para a Fazenda Sementeira de Rio Branco. E eu fiquei no lugar dele até 60. Então, eu assumi a responsabilidade do Departamento. Trabalhei com o professor Diogo Alves de Mello 28 anos.

Lujan: Então, o senhor conheceu aí todos esses primeiros alunos aí? O senhor conheceu todos eles?

¹ Apelido de José Tomaz Teixeira

Josias: Ah, conheci.

Lujan: Professores...

Josias: Professor Secundino, Geraldo Carneiro, professor Geraldo Correia, Barreto, lá de Guaxupé. Jucelino Soares. Mas isso é mais fácil pegar no caderno. Eu vou te mostrar pra você ver, viu? Quando eu comecei a trabalhar, o ordenado aqui, o máximo de diarista, era Rs 5\$600. Naquele tempo eram mil réis, né? Rs 5\$600. Eu entrei com Rs 5\$600, porque vim da roça, era bom trabalhador, mas, em geral, aí quase que era tudo Rs 5\$600. Quando era no fim do mês, tinha um desconto de Rs 4\$000², que era pra pagar a caixa médica. Era descontado. E fazia quase que o ordenado. Os primeiros médicos daí foram o doutor Felicíssimo, o doutor Raimundo Faria e o doutor Jacintho³. Eles andavam fazendo tudo.

Lujan: E eles conviviam muito com os servidores, assim?

Josias: Eram bons.

Lujan: Todo mundo...

Josias: O doutor Felicíssimo. Depois veio o doutor Milton. Teve o doutor Jacintho.

Lujan: O senhor trabalhou aqui, também, quando foi criada a primeira Semana do Fazendeiro? Quando vieram os primeiros fazendeiros para fazer os cursos?

Josias: Foi criada, acho que, em 29. Está aí.

Lujan: Os que criaram a Semana dos Fazendeiros, né? O professor Fernandes Braga, né? Joaquim Fernandes Braga.

² Valor não correspondente. Segundo o Balancete da Caixa beneficente, o desconto correspondia a uma média de 4% do salário dos servidores/operários. Fonte: < <https://atom.ufv.br/index.php/caixa-beneficente>>.

³ Jacintho Soares Souza Lima. Biografia disponível em: <https://personagens.ufv.br/jacintho-soares-de-souza-lima/>.

Josias: O professor Joaquim Fernandes Braga, o Dr. Souza Lima, de Ubá, o professor Bello Lisboa. E o professor José Coelho da Silva, que foi o meu encarregado no Departamento de Agronomia.

Lujan: Quando inaugurou o alojamento masculino? O senhor já estava aqui?

Josias: O alojamento masculino?

Lujan: E, aquele prédio ali.

Josias: Estava. Quando eu vim pra cá, eles estavam construindo aquilo ali.

Lujan: E o senhor lembra de alguém que trabalhou naquela construção? De operários que trabalharam lá?

Josias: Sou capaz de lembrar sim. Aqui os criadores da Semana do Fazendeiro.

Lujan: Ah.

Josias: O mestre daquele prédio ali, o mestre Gilvan, acho que se chama Giovanni, o mestre Giovanni.

Lujan: Ah, italiano.

Josias: Italiano.

Lujan: Que fez o prédio principal e o alojamento?

Josias: O Prédio Principal, agora o de cá, foi um tal de [...] ⁴ tem muitos anos, aí a gente esquece, né? Eu me lembro dessa gente quase toda. Tinha a festa de primeiro de maio.

Lujan: Então, conta dessa festa aí. Como é que era?

⁴ Áudio incompreensível. Minutagem 04:24

Josias: A festa era chamada na Escola de primeiro de maio. Eu trabalhava no Departamento de Agronomia. A Escola tinha, ainda tem o sinal nesses terraços de laranjeiras ali, plantado de laranjeira. Tinha tanta laranja. Não era essa miséria de hoje, não. Chegava no dia da festa, cortava uns carroçais de cana. Tinha um engenho que foi da fazenda do Zeca Araújo, que a Escola comprou. Então, levava pra lá aquela quantidade de cana. Ficavam dois, três homens ocupados com aquilo. Moendo cana, enchendo aqueles latões de garapa pra trazer pra festa. E carroções, mais carroções de laranja. Pessoal da cidade, mas era muita gente. E aqui vinha todo mundo. Chupava laranja à vontade, enchia o “embornal” de laranja. Era aquela fartura. A gente não esquece, né?

Lujan: Primeiro de maio, né?

Josias: Primeiro de maio. Antes de começar, antes de ser inaugurado o primeiro quarto daquele alojamento. Onde é esse dormitório antigo? Os alunos dormiam diversos⁵. Acho que diversos, bastante tempo, até que estivesse pronto, no outro prédio. Dormiam lá mesmo.

Lujan: Era tudo funcionando no Prédio Principal?

Josias: No Prédio Principal. Escola noturna. A professora era a dona Belmira, a senhora Manuela do Carmo, a dona Conceição. As primeiras professoras aí, a dona Ana Machado, que é irmã desse professor Ré, que morreu um dia desses. Foi minha professora noturna, a dona Ana Machado.

Lujan: Quer dizer que tinha alfabetização para os funcionários, né? À noite. Tinha, né? A escola, né?

Josias: Tinha aula noturna para todos os funcionários. Tinha aula diurna para os meninos. Era no prédio também, no mesmo prédio. Agora à noite era dos funcionários. Tinha, acho que, umas duas ou três salas de aula à noite. Também foram as primeiras.

Lujan: Farmácia.

⁵ A intenção do entrevistado é relatar “diversos dias”.

Josias: O Zé passou muito tempo, ele passou aí.

Lujan: O apontador.

Josias: O apontador?

Lujan: É.

Josias: O apontador, naquele tempo, tinha só um apontador que fazia o serviço todo da Universidade. Era o Rubens Raposo, irmão do Dr. Lisbôa, que era o diretor da Escola. Ele corria os Departamentos todos, trazia para o prédio e lá acertava. O pagamento era todo sábado.

Lujan: Era semanal.

Josias: Era semanal. O dia que não tinha pagamento, o diretor viajou, aí se veio o desastre. Corria tudo mal. “Hoje não há pagamento. O diretor viajou e o pagamento irá cair daqui duas semanas”. Naquele tempo, quando eu vim pra aqui em 1927, o diretor aqui, para ir a Belo Horizonte, tinha um noturno, um trem que ia até Ponte Nova. Passava aqui, era um noturno da noite. Ele pegava os noturnos aqui de tarde, ia a Barbacena, em Barbacena ele ia para Belo Horizonte. Não tinha estrada por aqui não.

Lujan: Nessa estaçãozinha aqui, né? Parava aqui o trem, né?

Josias: Parava aqui. Dava um sinal e ele parava. Ele pegava esse trem, ia para Barbacena, e de Barbacena, então, ele ia para Belo Horizonte. Depois de muito tempo, fizeram, me lembro até de um encarregado que se chamava Francisco Bombom e o outro era José Maria. O diretor mandou fazer uma estradinha daqui para Ponte Nova. Começou a transitar, então, esse caminhãozinho vai lá para cá, daí depois ele foi melhorando, melhorando, até ter estrada aqui hoje.

Lujan: E o senhor lembra do primeiro motorista que esteve aqui?

Josias: Aqui na Escola?

Lujan: É.

Josias: Lembro.

Lujan: Quem que era esse aí?

Josias: Era um tal de Sebastião Duarte, um preto. E o outro, que eu não sei o nome certo, porque o apelido dele era José Cutelo.

Lujan: Foram os primeiros motoristas?

Josias: É. Primeiros motoristas. Foi os que eu conheci aqui.

Lujan: Como é que era feito assim? Não existia, assim, caminhonete, caminhão? O material que ia, por exemplo, para o refeitório, era em carroça? Como é que é? O senhor lembra?

Josias: Era mais em carroça.

Lujan: Seu Agostinho, né? Entregava...

Josias: Ele tinha um caminhão grande, pegava o depósito dele, pegava, acho que, seis latas de querosene de gasolina. Chamava... Benz, caminhão Benz⁶, um grandão. Ele trazia madeira até aqui na fazenda do Xaxá. Ele ia com o caminhão para lá e enchia ele de tijolos ou areia. E depois que passava aquela corrente na madeira, ele descia cheio, arrastando madeira. Uma força medonha. Era carroça. Tinha uma turma aqui, o chefe dele era Vicente Franco, um italiano, Francisco Rímulo. Até esse Francisco Rímulo, tem um filho dele aqui, Henrique Rímulo, um dos primeiros alunos. José Onofre. Ali naquela fazenda que hoje está... Fala fazenda do Xaxá, porque esse terreno aí foi do Xaxá, pai do doutor Sebastião, né? Ali hoje é eucalipto. Eucalipto? Ali era pasto. E no meu tempo de novo⁷, buscava boi de madrugada ali, no Departamento. Tinha um cara, José de Castro, na Rua Nova, um dos primeiros

⁶ Daimler-Benz

⁷ A intenção do entrevistado é relatar “juventude”.

trabalhadores ali também, era campeiro de burro. Seis horas tinha que entrar os animais, boi e burro, tudo no curral pra começar o serviço. Começava às seis horas. Começava às seis horas, ia até às dez e meia, onze e meia, ia até às onze horas. Meio dia começava, era uma hora de serviço. Não tinha... Era de segunda a sábado. Não tinha negócio de semana e meia, não.

Lujan: E trabalhava de segunda a sábado às seis da manhã, às onze, ao meio-dia recomeçava e ia até que horas? Ia até às seis?

Josias: Até as quatro.

Lujan: Até as quatro.

Josias: E depois passou, de uns tempos, trabalhar sábado, só que meio expediente. Pausava o resto do dia. Depois passou, semana e meia.

Lujan: Melhorou, né?

Josias: Pra cima não tinha. Tinha só aquela casa onde mora hoje o José Liberato. Quando eu mudei para aqui, a Escola tinha dez casas que estava acabando de construir. Dez casas para professores. Hoje existe só uma. Só a do Dr. Diogo e da dona Celeste, o resto eles desmancharam tudo. Era porteiro. Quando eu vim para aqui, ele já era porteiro. Ele foi o primeiro porteiro que teve na Escola. Trabalhava na portaria, Cassiano pai do [...] ⁸. E ele morava hoje é... Hoje é tudo. Quem vem da cidade, essa estrada que passa por dentro, a casa dele era mais ou menos por ali. Quando faz aquela volta, no começo, naquela casa que tem aluno. Os alunos... Aquela ali era a residência de aluno, né? Mas a casa era mais baixa um pouco. Ele morava ali com a família dele. E eles já tinham construído essa piscina, a primeira represa. A primeira represa aí não era para água potável, não. Era para banhos de alunos. Chegava de tarde, aquela farra ali de alunos, estudantes. Tinham umas moças também. A mulher do professor Dorofeeff, era irmã da esposa ⁹ do Dr. Diogo, eram as moças daquele tempo. Dona Laura, né? A mulher do professor Alencar também, era a Diva. Naquele tempo, era solteira. Então, aconteceu o seguinte. Deu uma tempestade à noite. Partiu a piscina, né? Partiu a piscina e entupiu aquele bueiro da Leopoldina, né? Então, a água veio pra cá.

⁸ Cassiano Gomes de Araújo; Trecho do áudio corrompido. Minutagem: 11:40.

⁹ Palavra incluída pela correção

Tempestade, né? Enchente horrorosa. A água veio afastando, afastando, e foi subindo na casa do seu Cassiano, à noite, e sua família sem poder sair. Quando o dia amanheceu, a casa já estava começando a ruir e eles já estavam lá em cima, de pé no telhado. Não tinha jeito de sair. A água fechou em volta da casa. Aquilo estava bem fundo, ele não sabia nadar, né? O pessoal que vinha trabalhar de manhã, passando por cima daquela estrada, que hoje já mudou também, né?, viram. E gritou, gritando lá pra: “acudir, socorro”, né? Aí, os camaradas, os mais experientes, arranjaram as cordas logo, né? E chegava lá, jogava a corda, um pegava a corda, passava, montava dois, três, aqui, caía na água e puxava a corda. Foi tirado assim. Então, ele ficou sem casa. E a Escola tinha comprado essa fazenda aqui, do Zéca Araújo. Essa fazenda estava à toa. Então, eles foram transferidos pra lá. E, quando eles precisavam da fazenda, fizeram logo essa casa aqui pra eles. Essa casa foi feita para o Sr. Cassiano.

Lujan: E o senhor lembra, por exemplo, o pessoal que trabalhou na cozinha? O senhor Manoel Andrade? O senhor lembra dele?

Josias: Lembro. O senhor Manoel Andrade, dona Germana, dona Hermengarda. Foi comigo, foi... dona Hermengarda, dona Germana, ela era muito enjoada, né?

Lujan: Exigente né?

Josias: Os alunos, naquele tempo, na hora da refeição, né? Ela estava lá. Eles costumavam pegar um prato, jogar, quebrar, e virava um pro outro: “Ô, companheiro, essa velha aqui, o que ela é?” Ele falava: “Chata!”

Lujan: E a Miss Clarissa, o senhor lembra dela, que trabalhou? Miss Clarissa?

Josias: Bicalho?

Lujan: Não, Miss Clarissa.

Josias: Ah, Miss Clarissa, lembro. Dela, de Dr. Rolfs. O Dr. Rolfs que criou a Escola, né? Eu lembro que o carro dela era de roda branca. Hoje eles falam que aquilo é Pé-de-Bode, né? Quando eu vim pra aqui, mudei para aqui em 1927, os carros que existiam aqui em Viçosa

era o carro do Bello Lisbôa, também daquele tipo. Hoje eles falam Pé-de-Bode estes Ford. O carro da Miss Clarissa e um carro do Doutor Gomide na cidade. Era só esses três.

Lujan: O que precisasse era só com esses três carros?

Josias: Só esses três carros que existiam, e daí pra frente foi aumentando. Tinha cabo de guerra. Às vezes, tinha uma turma de alunos contra outra turma. Deu, às vezes, também turma de aluno contra operário, né? Uma vez o operário perdia, outra vez o operário ganhava, né?

Lujan: Competição, né? De futebol, tudo, né?

Josias: De futebol. O Salame... você lembra do Salame?

Lujan: Não.

Josias: Ele foi dos primeiros times. Os primeiros times de futebol da Escola. Chico Regina, já morreu também, né? Mas, gente, quase todos já foram. O mais duro aqui sou eu, né? Calcula quantos anos eu tenho?

Lujan: Uns setenta e cinco, setenta e oito.

Josias: To na casa dos oitenta e seis.

Lujan: Tá muito forte.

Josias: Foi aí que eles começaram isso aí. Isso aqui, pra baixo, não tinha nada. Tinha uma capoeirinha, aquela calma. Depois, em 1920, que eles pensaram pra fazer escola, pra ter esse movimento aqui. Mas, naquele tempo, eu já tinha vinte anos. Vinte anos, naquele tempo. Agora, eu tenho quase oitenta e seis. Chamaram a gente. Donato, Donato Eugênio, Donato Eugênio da Silva. Depois, foi José Sant'Anna, que foi secretário por muito tempo. Depois, e que passou pro Duarte. Agora, o Duarte Tafuri, pra cá, não sei se ele saiu também, mas quando eu saí, o Duarte trabalhava ainda. Trabalhava, não sei no quê. Aí, desliguei da Escola. Já tava velho. Este tinha o apelido de... Evereste, conhece?

Lujan: Conheço.

Josias: O nome certo dele eu não sei. Eu conheci ele por Evereste, por causa dele ser o mais alto. Daí, por causa do monte Evereste. Eu dei o nome de Evereste. Ele tinha um... Tinha um pequenininho. Aí, esse daí, ganhou o nome de Gigante.